Epílogo

Anti-sepulcro
Desprivatização de memórias, memória pública e contra-hegemonias[208]

Paula Godinho, FCSH/UNL

Há uns anos, em Vilardevós, um concelho que faz fronteira com Chaves e Vinhais, uma velha mulher galega interpelou-me: conheceria eu uma determinada canção portuguesa? Começou a trautear uma música popular, num português sem sotaque. Contou-me como, sendo muito pequena, na casa dos seus avós se acolhiam trabalhadores que construíam a ferrovia entre Ourense e Samora. Uma manhã, acordou com um alvoroço inabitual, em casa e na aldeia: de noite tinham levado esses homens, mais outros da aldeia, *de passeo*. Este eufemismo, aparentemente tão amável, encobria em todo o Estado espanhol, nos primeiros anos do franquismo, a mais atroz realidade. Os homens tinham sido mortos, depois de levados pelos sequazes franquis-

208 Texto construído a partir do que foi lido na homenagem realizada em 12/5/2012 em Monção aos portugueses mortos pelo franquismo.

tas. Os residentes da aldeia galega já tinham encontrado alguns dos corpos. Quanto aos outros, só desconfiavam de um chão demasiado remexido, num ponto do termo da povoação chamada Campobezerros. A ela, pequenina, não a deixaram aproximar. Ela, pequenina, não esqueceu. Não esqueceu a cantiga que lhe ensinaram aqueles homens enquanto a balançavam, em cavalinho, nas pernas cruzadas, como tanto fazemos aos nossos meninos. Não esqueceu o momento da perda. Embora não esquecendo, longamente não pôde recordar em público.

Esta é uma de tantas memórias que foram longamente privatizadas, domesticadas, silenciadas, porque perigosas. E é uma memória das que urge comemorar, no sentido de recordar em conjunto, como se fez em várias homenagens, como a que teve lugar na aldeia de Cambedo da Raia em dezembro de 1996, em Monção em 12 de maio de 2012, e em Campobezerros-Portocamba (Castrelo do Val) em 23 de junho de 2012. Também nos lembra que a estas pessoas não as mataram por serem portuguesas, mas por serem anti-franquistas e fiéis à imensa honra de estar vivos, de pensar, de trabalhar e de agir na construção de um mundo melhor, mais justo, mais igualitário. Não lembrar estes mortos seria permanecer no que Giorgio Agamben denomina a *zona infame de irresponsabilidade* e permitir "a terrível, a indizível, a impensável *banalidade do mal*", referida por Hanna Arendt.

Quero agradecer sobretudo ao meu colega Dionísio Pereira o seu trabalho precioso, no âmbito do *Proxecto Nomes e Voces* dirigido por Lourenzo Fernández Prieto. É Dionísio, com a sua investigação, que apura estes nomes, entre um macabro conjunto ainda em aberto, sem escamotear o quão provisórias são as certezas, pois os nomes e as vozes caladas abruptamente poderão ser mais, numa zona de sombra de que preferimos, na memória em pedra, só dar conta das certezas atuais. Se não lhes podemos dar voz, resgatámo-los todavia de uma amnésia que se prolongou demasiado.

Este ato coletivo une universidades, associações, autarquias, neste «nós» que aqui criamos por estar juntos, respirar o mesmo ar e conjugar vontades – como as que no *Memorial do Convento*, de José Saramago, faziam erguer a nave. Congratulo-me por estar numa homenagem em que são

audíveis os falares dos dois lados desta fronteira que nos une. Saúdo todas as pessoas presentes – e são tantas - comovida porque vieram, e porque assim integram as *vontades* que erguem todas as sonhadas passarolas. Se aqui estão, é porque, como eu, acreditam que serão ocas as sociedades sem memória, embora estejamos a viver um tempo em que parecem condenar-nos a um presente eterno, indesejável, terrível. Atos como este ajudam-nos a olhar para trás para ter a certeza de que o futuro existe, pois foi por ele que caíram os que hoje aqui lembramos.

Singelo monumento dedicado aos carrilanos portugueses assassinados em Portocamba, colocado pola Câmara Municipal de Castrelo do Val (Ourense) e o Projeto "Nomes e Voces", 2012.

Gostaria de convosco interrogar três assuntos e depois terminar com uma carta. O primeiro tema tem a ver com estas memórias e com a longa impossibilidade de as desprivatizar, de as tornar públicas, comuns, gravando num *lugar de memória* aquilo que começa a ser cada vez mais difícil fixar num *meio de memória*, ou seja, num coletivo de pessoas que tenha presenciado os acontecimentos. Essa impossibilidade deveu-se em primeiro lugar às ditaduras, que em ambos os lados desta fronteira que nos une, foram longas.

Devido ao encerramento do espaço público para a ação política, essas memórias rechaçadas foram remetidas para a esfera familiar, privada, em paralelo com o silêncio a que eram remetidos na esfera pública os «vermelhos», os republicanos, os socialistas, os anarquistas.

Mas também os processos políticos que avançaram para regimes considerados como democráticos não tiveram longamente interesse no resgate destas memórias. Privatizadas pelo medo da repressão, mas igualmente pelo consentimento, encontram hoje condições para serem retomadas, em termos coletivos. Estamos aqui em resistência coletiva contra o apagamento da memória destas pessoas e, através delas, dos tempos que os baniram. Esta resistência coletiva, que hoje assume um formato mais evidente, constituiu ao longo de décadas uma *transcrição escondida*, só passível de ativação em coletivos e situações precisas, numa alusão ao conceito de James C. Scott. Estamos aqui a restaurar aquilo a que Raymond Williams chamou «*passado significante*» e a pugnar para que se torne hegemónica a memória dos que lutaram contra os fascismos.

Com este ato, não permitimos a denegação da História daquelas e daqueles que lutaram e sofreram em gerações anteriores; não permitimos que seja deslegitimado o que fizeram e aquilo em que acreditaram; não permitimos que se faça tábua-rasa da repressão que estes e suas famílias sofreram. Ou seja, recusamos o apoliticismo que confisca as memórias, a sua privatização e da sua individualização, de forma a torná-las inócuas. *O "dever de memória*" de que fala Primo Levi, assenta nos testemunhos, recolhidos sobretudo por Dionísio Pereira. Paradoxalmente, os «verdadeiros»

testemunhos, os testemunhos integrais, são os daqueles que não puderam nem poderão testemunhar. Se o passado pertence aos mortos, resgatar a sua memória é projetá-los e reconhecer o seu exemplo para o futuro.

Recuperar esta memória de pedra é dizer que uma página ignominiosa da história foi escrita há mais de sete décadas, que são irrecuperáveis as vidas dos assassinados, mas que agora mesmo, em múltiplos pontos do mundo, outras funestas páginas estão a ser escritas, num combate que persiste e numa batalha ainda não ganha. Em pedra o gravámos e com as palavras ditas o reiteramos aqui.

O segundo tema tem a ver com os que hoje aqui homenageamos. A gravação em pedra do nome destas 56 pessoas não significa que petrifiquemos a sua memória[209]. Unimo-los numa placa, em Monção, embora tivessem sido mortos em locais diversos da Galiza. Provinham de Portugal, ali mesmo ao lado, ou de sítios mais a sul, numa fronteira cuja permeabilidade fora testada e comprovada em múltiplos momentos da história. Sabemos que eram trabalhadores, muitos deles pobres, que tinham emigrado para fugir à fome num sítio – o de nascimento ou qualquer outro para onde já tivessem partido, pois como escreve o poeta Ruy Belo, *os pobres, esses, conhecem tudo*. Em suma, Portugal empurrara-os para fora – como faz agora com tantos dos nossos jovens – à procura de melhor vida. A identidade nacional é só uma das identificações de cada um de nós. Somos também membros de uma família, comungamos uma dada construção de género, partilhamos uma geração. A nação é um dos quadros sociais em que nos construímos. Se, com Fernando Pessoa, podemos dizer que «a minha pátria é a língua portuguesa», esta tão gemelar língua galega talvez tenha ajudado estes homens a encontrar outras identidades do outro lado da "raia" seca ou depois de atravessar o rio Minho. A identificação de classe, irmanando-se com os que partilhavam uma idêntica condição; a sindical, unindo-se na

209 Como bem diz Paula, sempre falamos em termos de mínimos; na altura, em maio de 2012, tínhamos documentado o assassínio de 56 portugueses e portuguesas. Até hoje, a sinistra contabilidade monta até 68 vítimas.

defesa coletiva dos seus direitos; a política, juntando-se aos que consigo partilhavam idêntico ideário; a dos amores nascidos e das famílias entretanto constituídas.

Os mortos que aqui recuperámos foram agentes de uma história. Como nos lembra Karl Marx, cada um de nós é mais filho da sua época que dos seus pais. Os que aqui homenageamos hoje são portugueses pelo nascimento. Porém, sabemos que o *alfa* e o *ómega* das nossas vidas nos escapam – e os deles ainda mais lhes fugiram, com o tempo de vida definitivamente encurtado por uma morte decidida por outros, à mercê de outrem. Todos nascemos num dado lugar, num sítio, mas faz parte da margem de liberdade do humano o espaço que conquistamos, as ideias e as práticas em que as materializamos, os sonhos que perseguimos e nos dão sentido. Os que aqui homenageamos foram antifascistas, num tempo em que os campos que se tinham de escolher eram dois. Terão escolhido o seu.

Vivemos um tempo, como recorda Enzo Traverso, que glorifica as vítimas, mas esquece os combatentes. Todos os que aqui homenageamos foram vítimas, embora possam ter sido também combatentes. Os seus nomes ali ficam, para que se lembrem, para que sejam lidos, em voz alta de preferência. O que queremos com esta homenagem é que ela seja, numa paráfrase de um poema de Manolo Rivas, um *anti-sepulcro*.

O terceiro tema tem a ver com a memória e a sua relação com a esperança. Nesta semana, ao reencontrar uma velha comunista cuja história de vida há muitos anos recolhi, numa povoação do Sul de Portugal, o Couço, com uma história insurgente contra a tirania e a exploração que percorre todo o século XX, recordei-me de uma pergunta que ela me fez há quase 20 anos, antes de aceder a que a gravasse: *isto vai servir para alguma coisa, não*? Para a minha entrevistada, não era a minha comezinha tese de doutoramento que justificava o depoimento, como não era o protagonismo público que ela própria granjearia com a divulgação. Estou a falar-vos de uma mulher que foi presa, torturada, que saiu da cadeia e voltou às lutas que culminariam, faz hoje cinquenta anos, com a conquista das 8 horas de trabalho rural, no Portugal de Salazar. O que Maria Rosa Viseu queria saber era se

a memória poderia trazer consigo a esperança. Se os discursos sobre o passado constituem uma revisitação, o que a interessava era se o conhecimento desse passado trazia consigo a esperança. O que hoje estamos aqui a fazer é a agir sobre o passado, resgatando-o, demonstrando em pedra que somos herdeiros dele, e que com esperança havemos de construir um futuro. Como escreve Ernst Bloch, a esperança é o que permite ao obscuro tornar-se claro. Os lugares que ainda não temos, os tempos que virão e que nos estimulam o desejo de estar vivos, este triunfo sobre Thanatos, aprendemo-lo com estes homens, porque a esperança não é passiva, nem prisioneira do nada: é a «*pequenina luz bruxuleante*» de que fala Jorge de Sena. Ela engrandece-nos, não nos diminui, obriga-nos a projetar-nos no devir de que nós próprios fazemos parte. Como nos ensina Ernst Bloch, a esperança não suporta esta vida de cão passiva que se sente atirada para fora da existência, constituindo uma incitação a prosseguir, a encontrar caminho enquanto andamos, acompanhados. Aqueles que lembramos acompanham-nos – e são bem-vindos.

Finalmente, prometi uma carta, embora não tenho sido eu que a escrevi nem que a recebi e também não esteja a violar correspondência de ninguém. Não é uma carta *stricto sensu*, mas um extraordinário poema de Jorge de Sena, inspirado no quadro de Goya sobre os fuzilamentos de maio de 1808. Jorge de Sena (1919-1978), que conheceu ele próprio o exílio, primeiro no Brasil, mais tarde nos Estados Unidos, foi dos mais grandiosos poetas da língua portuguesa do séc. XX. Sem que eu tenha dotes para a leitura de poesia, permitam-me que vos leia, a terminar, um poema escrito em Lisboa em 25/6/1959, «*Carta a meus filhos sobre os fuzilamentos de Goya*»

Não sei, meus filhos, que mundo será o vosso.
É possível, porque tudo é possível, que ele seja
aquele que eu desejo para vós. Um simples mundo,
onde tudo tenha apenas a dificuldade que advém
de nada haver que não seja simples e natural.
Um mundo em que tudo seja permitido,
conforme o vosso gosto, o vosso anseio, o vosso prazer,

o vosso respeito pelos outros, o respeito dos outros por vós.
E é possível que não seja isto, nem seja sequer isto
o que vos interesse para viver. Tudo é possível,
ainda quando lutemos, como devemos lutar,
por quanto nos pareça a liberdade e a justiça,
ou mais que qualquer delas uma fiel
dedicação à honra de estar vivo.
Um dia sabereis que mais que a humanidade
não tem conta o número dos que pensaram assim,
amaram o seu semelhante no que ele tinha de único,
de insólito, de livre, de diferente,
e foram sacrificados, torturados, espancados,
e entregues hipocritamente à secular justiça,
para que os liquidasse «com suma piedade e sem efusão de sangue.»
Por serem fiéis a um deus, a um pensamento,
a uma pátria, uma esperança, ou muito apenas
à fome irrespondível que lhes roía as entranhas,
foram estripados, esfolados, queimados, gaseados,
e os seus corpos amontoados tão anonimamente quanto haviam vivido
ou suas cinzas dispersas para que delas não restasse memória.
Às vezes, por serem de uma raça, outras
por serem de uma classe, expiaram todos
os erros que não tinham cometido ou não tinham consciência
de haver cometido. Mas também aconteceu
e acontece que não foram mortos.
Houve sempre infinitas maneiras de prevalecer,
aniquilando mansamente, delicadamente,
por ínvios caminhos quais se diz que são ínvios os de Deus.
Estes fuzilamentos, este heroísmo, este horror,
foi uma coisa, entre mil, acontecida em Espanha
há mais de um século e que por violenta e injusta
ofendeu o coração de um pintor chamado Goya,

que tinha um coração muito grande, cheio de fúria
e de amor. Mas isto nada é, meus filhos.
Apenas um episódio, um episódio breve,
nesta cadeia de que sois um elo (ou não sereis)
de ferro e de suor e sangue e algum sémen
a caminho do mundo que vos sonho.
Acreditai que nenhum mundo, que nada nem ninguém
vale mais que uma vida ou a alegria de tê-la.
É isto o que mais importa - essa alegria.
Acreditai que a dignidade em que hão-de falar-vos tanto
não é senão essa alegria que vem
de estar-se vivo e sabendo que nenhuma vez
alguém está menos vivo ou sofre ou morre
para que um só de vós resista um pouco mais
à morte que é de todos e virá.
Que tudo isto sabereis serenamente,
sem culpas a ninguém, sem terror, sem ambição,
e sobretudo sem desapego ou indiferença,
ardentemente espero. Tanto sangue,
tanta dor, tanta angústia, um dia
- mesmo que o tédio de um mundo feliz vos persiga -
não hão-de ser em vão. Confesso que
muitas vezes, pensando no horror de tantos séculos
de opressão e crueldade, hesito por momentos
e uma amargura me submerge inconsolável.
Serão ou não em vão? Mas, mesmo que o não sejam,
quem ressuscita esses milhões, quem restitui
não só a vida, mas tudo o que lhes foi tirado?
Nenhum Juízo Final, meus filhos, pode dar-lhes
aquele instante que não viveram, aquele objecto
que não fruíram, aquele gesto
de amor, que fariam «amanhã».

E, por isso, o mesmo mundo que criemos
nos cumpre tê-lo com cuidado, como coisa
que não é nossa, que nos é cedida
para a guardarmos respeitosamente
em memória do sangue que nos corre nas veias,
da nossa carne que foi outra, do amor que
outros não amaram porque lho roubaram.

Fontes

A) Referências bibliográficas:

- AAVV (2004): *O Cambedo da Raia, 1946. Solidariedade galego-portuguesa silenciada*, Asociación de Amigos da República.
- ABAD GALLEGO, X. C. (2005): *Héroes o forajidos*, Vigo: Instituto de Estudios Vigueses.
- ABRANTES, D. (2011):"O PCP e a guerra de Espanha (1936-1939)", em *O Militante*, Revista de Refrexão e Prática do PCP, nº 313, Setembro/Outubro 2011.
- AIZPURU, M. (2010): "Retornos forzados. La expulsión de extranjeros indeseables en la España contemporánea (1919-1935)" em *Revista de Historia Contemporánea*, nº 39, UPV/EHU, pp. 591-625.
- ALONSO RÍOS, A. (2006): *O Sinhor Afranio ou como rispei das gadoupas da morte*, Vigo: A Nosa Terra.
- ÁLVAREZ W. y SERRANO, S. (2009): *La Guerra Civil en León*, León: Edilesa.
- AMOEDO LÓPEZ, G. (2010): *A memoria e o esquecemento. O franquismo da provincia de Pontevedra*, Vigo: Xerais.
- AMOEDO LÓPEZ, G. e GIL MOURE, R. (2006): *Episodios do terror durante a Guerra civil na provincia de Pontevedra. As Illas de San Simón*, Vigo: Xerais.

- ANTEQUERA LUENGO, J. J. y LUENGO JIMÉNEZ, J. J. (2010): *La acción falangista en Huelva (1936). Documentos de la Prisión Provincial*, Sevilla: Editorial Facediciones.
- ANTUNES SIMÕES, M. D. (2008): *Barrancos en la encrucijada de la Guerra Civil Española. Memorias y testimonio, 1936*, Mérida: Editora Regional de Extremadura.
- ARAÚJO, E. (2008): "Quem manda nesta terra? Estados, pessoas, e memórias duma fronteira", em *Arquivos da Memória. Revista do Centro de Estudos de Etnologia Portuguesa*, nº 4, Universidade Nova de Lisboa, pp. 68-99.
- ARRIAZA, J. y CASTEJÓN, J. (2007): *Utrera 36. Ocupación militar y represión*, Sevilla: Muñoz Moya Editores Extremeños.
- BARRETO NUNES, H. (2011): "Víctor de Sá: um homem na história" em BARRETO NUNES, H. e CAPELA, J. V. (2011): *O Mundo continuará a girar. Premio Víctor de Sá de História Contemporánea. 20 anos (1992-2011)*, Braga: Conselho Cultural da Universidade do Minho, pp. 273-286.
- BAZAL, L. (2007): *Memoria e fuga dun mestre anarquista galego*, Vigo: A Nosa Terra.
- BREY, G. (1986): "Un exemplo de internacionalismo sindical: a Unión Galaico-Portuguesa (1901-1904)" em JUANA, J. e CASTRO, X. (1986): *Sociedade e Movemento Obreiro en Galicia. IIIªs Xornadas de Historia de Galicia*, Ourense: Servicio de Publicacións da Diputación Provincial de Ourense, pp. 223-256.
- BREY, G. (1990): "Economie et mouvement syndical en Galice, 1840-1911". Tese de doutoramento inédita, Lille: Atelier N. Repographie des Théses.
- BRITES ROSA, E. (2007): "O papel da frontera luso-galaica na questão dos refugiados da Guerra Civil de Espanha (1936-1939)" em ALVAREZ, A. (dir.) (2007): *Represión, Solidariedade e Resistencia Antifranquista*, Caderno Arraiano, pp. 99-110, Ourense: Asociación Arraianos.

- BURGOS MADROÑERO, M. (1985/86): "Crónicas portuguesas de la Guerra Civil 1936. Crónicas consulares de Andalucía y Extremadura" em *Revista Estudios Regionales*, nº 15/16, Málaga, pp. 425-489.
- BURGOS MADROÑERO, M. (1986): "A fiscalição das fronteiras portuguesas durante a Guerra Civil de Espanha" em AA.VV. *O Estado Novo. Das origens ao fin da autarquia. 1926-1959",* Lisboa: Fragmentos, vol. I, p. 367.
- CAPELÁN REY, A. (1994): *Contra a Casa da Troia*, Santiago: Editorial Laiovento.
- COLECTIVO DE HISTORIA XERMINAL (1990): "Crise económica e loitas sociais na Galicia republicana: o conflicto pesqueiro vigués de 1932" em AAVV (1990): *O Movemento obreiro en Galicia. Catro ensaios*, Vigo: Edicións Xerais, pp. 139-312.
- COMISSÃO DO LIVRO NEGRO SOBRE O REGIME FASCISTA (1982): *Presos políticos no regime fascista. 1936-1939*, Tomo II, Lisboa: Presidência do Conselho de Ministros.
- COMISSÃO DO LIVRO NEGRO SOBRE O REGIME FASCISTA (1984): *Presos políticos no regime fascista. 1940-1945*, Tomo III, Lisboa: Presidência do Conselho de Ministros.
- CLÍMACO, C. (1995): "A emigração política portuguesa em França (1927-40)", em Revista *Penélope,* nº 16, Paris, pp. 153-177.
- DACOSTA PAZ, A. (2009): *Documentos para a historia de Poio (1936-1942)*, Ponteareas: Edicións Alén Miño.
- DA CRUZ, B. (2003): *Guerrilheiros Antifranquistas em Trás-os-Montes*, Montalegre: Barrosana EM.
- DA CRUZ, B. (2007): "Guerrilheiros antifranquistas na Raia Seca", em "*Represión, Solidariedade e Resistencia Antifranquista*", *Caderno Arraiano*, Ourense: Asociación Arraianos, pp. 117-127.
- DASAIRAS, X. (1999): *Crónicas Rexiomontanas. Territorio e Historia na Comarca de Monterrei*, Monterrei: Mancomunidade de Concellos da Comarca de Monterrei.

- DASAIRAS, X. (2007a): *Verín baixo o franquismo. A represión do 36, resistencia e a guerrilla*, Vigo: A Nosa Terra.
- DASAIRAS, X. (Ed.) (2007b): *Luis Bazal. Memoria e fuga dun mestre anarquista galego*, Vigo: A Nosa Terra.
- DE MORAIS AFONSO, R. (2011): *Vinhais no 1º aniversário da República: Primeira Incursão Monárquica (1911)*, Bragança: Tipografia Artegráfica Brigantina.
- DE SÁ, V. (1983): "Congressos obreiros galego-portugueses no dealbar do século XX", em *Semanario A Nosa Terra*, nº 210, 24/12/1983, Vigo.
- DELGADO, I. (1980): *Portugal e a Guerra Civil de Espanha*, Lisboa: Publicações Europa-América.
- DIÉGUEZ CEQUIEL, U-B. (2012): "Sociedade e organización de clase na Europa contemporánea. Da irmandade operária galaico -portuguesa de inicios do século XX", em *Murguía Revista Galega de Historia*, nº 25 Janeiro-Junho 2012, Santiago: Instituto Galego de Historia, pp. 33-48.
- DOMÍNGUEZ ALMANSA, A. (1997): *Asociacionismo agrario e poder local en Teo, 1890-1940. A formación da sociedade civil na Galicia rural*, Teo: Concello de Teo.
- DOMÍNGUEZ ALMANSA, A., FERNÁNDEZ PRIETO, L. e PEREIRA, D. (2013): "Persecução e repressão franquista na Galiza dos galegos de origem portuguesa (1936-1940). Uma perspectiva de história transnacional" em *Revista Workers of the World*, nº 2, Lisboa, 2013 (em imprensa).
- FARINHA, L. (1998): *O Reviralho. Revoltas republicanas contra a Ditadura e o Estado Novo, 1926-40*, Lisboa: Ed. Estampa.
- FERNANDES ALVES, J., FERREIRA, M. F. V., MONTEIRO, M. R. (1992): "Imigração galega na cidade do Porto (2.a 1/2 do séc. XIX)", em *Revista da Faculdade de Letras*, Porto: Universidade do Porto, Faculdade de Letras, pp. 215-236.
- FERNANDES ALVES, J. F. (2002): "Imigração de galegos no Norte de Portugal (1500-1900)" em EIRAS ROEL, A. e GONZÁLEZ

LOPO, D. (coords.) (2002): "*Movilidade e migracións internas na Europa Latina*", Santiago: USC/Cátedra Unesco, pp. 1-11.

- FERNÁNDEZ CORTIZO, C. (2007): "La emigración gallega a la provincia portuguesa de Trás-Os-Montes y Alto Douro (1700-1850)", em *Douro: estudos & documentos;* ano XII, nº 22, pp. 79-112.
- FERNÁNDEZ FERNÁNDEZ, E. (2012): "Las dificultades de la reorganización política y sindical" em GRANDÍO SEOANE, E./RODRÍGUEZ GONZÁLEZ, J. (eds.) (2012): *War Zone. La Segunda Guerra Mundial en el noroeste de la Península Ibérica*, Madrid: Editorial Eneida, pp. 54-88.
- FERNÁNDEZ FERNÁNDEZ, E. (2009): "De Cabanas ao Brasil: Noticia de Matías Fernández Murias" em *Cátedra, Revista Eumesa de Estudios*, nº16, Pontedeume, pp. 155-166.
- FERNÁNDEZ GONZÁLEZ, M. (2006): " Asociacionismo obreiro e patronal en Vigo durante a IIª República", em *Revista Claridade*, nº3, Junho 2006, Santiago: Fundación Luis Tilve.
- FERREIRA DA CUNHA, N. (2007): *A Autonomia Galega na imprensa periódica portuguesa (1931-1936)*, Monção: Casa Museu de Monção, Universidade do Minho.
- FIALHO de ALMEIDA, J. V. (1996): *Galiza, 1905*, Santiago: Editorial Laiovento.
- FLORENCIO PUNTAS, A. y LÓPEZ MARTÍNEZ, A. L. (2010): "La emigración portuguesa hacia Andalucía y la Asociación Fraternal Humanitaria de los súbditos portugueses de la provincia de Huelva", Comunicação presentada ao XXIX Encontro da Associação Portuguesa de História Economica e Social, Universidade do Porto.
- FREIRE, J. (1998): "Sobre o Anarquismo Português e a Guerra de España" em ROSAS, F. (coord.) (1998): *Portugal e a Guerra Civil de Espanha : colóquio internacional*, Lisboa: Colibri, pp. 197-207.
- FREIRE, D., ROVISCO, E., FONSECA, I. (coord.) (2009): *Contrabando na fronteira luso-espanhola. Práticas, memórias e patrimónios*, Lisboa: Edições Nelson de Matos.

- GARCÍA YÁÑEZ, F. (2005): *O Barco e a Terra de Valdeorras durante a IIª República e o Franquismo (1931-1977)*, Vigo: A Nosa Terra.
- GARRIDO COUCEIRO, X.C. (2006): "Represión franquista na A Estrada" em AAVV (2006): *A IIª República e a Guerra Civil*, *Actas do IIº Congreso da Memoria*, Ferrol: Ed. Embora, pp. 367-378.
- GARRIDO MOREIRA, E. (1999): *O Sindicalismo Socialista en Compostela (1890-1936),* Santiago: Fundación Luís Tilve.
- GODINHO, P. (2006): *O Leito e as margens: Estratégias familiares de renovação e situações liminares em seis aldeias do Alto Trás-os-Montes raiano (1888-1980)*, Lisboa: Edições Colibri/Instituto de Estudos de Literatura Tradicional.
- GODINHO, P. (2011): *Oir o galo cantar dúas veces*, Ourense: Deputación de Ourense.
- GONZÁLEZ J. A. (1998): *Nigrán. Memoria de una guerra. 1936-39*, Vigo: Ed. do Cumio.
- GONZÁLEZ FERNÁNDEZ, X.M. e VILLAVERDE ROMÁN, X. C. (1999): *Moaña nos anos vermellos. Conflitividade social e política nun concello agrario e mariñeiro*, Sada: Ed. do Castro.
- GONZÁLEZ PROBADOS, M. (1988): "Crise económica, movemento obreiro e socialismo na Galiza republicana, 1931-36". Tese de Doutoramento inédita, Universidade de Santiago de Compostela.
- GONZÁLEZ PROBADOS, M. e PEREIRA, D. (1998): "Empresarios, fábricas e traballadores: o sector da madeira (1920-1936)" em PEREIRA, D. (1998): *Sindicalistas e rebeldes. Anacos da historia do movemento obreiro na Galiza*, Vigo: A Nosa Terra, pp.173-184.
- GRAGERA, F. e INFANTES, D. (2007): *Rumbo a Rusia. Los voluntarios extremeños en la División Azul*, Madrid: Ed. Raices.
- GRANDÍO SEOANE, E. (2001): "A raia que deixou de selo. A fronteira galego-portuguesa após o golpe de xullo de 1936" em BALBOA LÓPEZ, X. e PERNAS OROZA, H. (Eds.) (2001): *Entre Nós. Estudios de arte, xeografía Historia en homenaxe ó profesor Xosé Manuel*

Pose Antelo, Santiago: Universidade de Santiago de Compostela, pp. 999-1022.

- GRANDÍO SEOANE, E. e FERNÁNDEZ FERNÁNDEZ, E. (2011): *A fosa do cemitério de Vilarraso*, Cadernos Republicanos nº2, A Coruña: CRMH.
- HEINE, H. (1980): *A guerrilla antifranquista en Galicia*, Vigo: Xerais.
- IGLESIAS VEIGA, J. R. (2007): "Crónica dos escenarios das nosas antigas fotos" em *Unha ollada no tempo. Aproximación ao patrimonio fotográfico do Porriño*, O Porriño: AMI/Concello do Porriño, pp. 16-68.
- LAMELA GARCÍA, L. (2002): *A Coruña, 1936. Memoria convulsa de una represión*, Sada: Ed. do Castro.
- LANERO TÁBOAS, D., MÍGUEZ MACHO, A., RODRÍGUEZ GALLARDO, A. (2009): "La "raia" galaico-portuguesa en tiempos convulsos. Nuevas interpretações sobre el control político y la cultura de frontera en las dictaduras ibéricas (1936-1945)" em FREIRE, D., ROVISCO, E., FONSECA, I. (coord.) (2009): *Contrabando na fronteira luso-espanhola. Práticas, memórias e patrimónios*, Lisboa: Edições Nelson de Matos, pp. 57-87.
- LARUELO ROA, M. (1999): *La libertad es un bien muy preciado*, Gijón: En la Estela de Aldebarán.
- LIÑARES GIRAUT, A. (1993): *Negreira na Guerra do 36*, Sada: Ed. do Castro.
- LOFF, M. (2006): "A memória da guerra de Espanha em Portugal através da historiografia portuguesa" em "*Dossier* Guerras Civis", *Revista Ler História*, nº 51, Lisboa, pp. 77-131.
- LÓPEZ GÓMEZ, S. (2009): *Fluxos migratorios e escola intercultural: un estudo diagnóstico en Galicia*, Ourense: Difusora de Letras, Artes e Ideas.
- LÓPEZ MARTÍNEZ, A. L. (2004): "La presencia portuguesa en el litoral occidental onubense (1870-1936)", *Revista Huelva en su Historia,* Vol. 11, Universidad de Huelva, pp.187-201.

- MÁIZ VÁZQUEZ, B. (1988): *Galicia na IIª República e baixo o franquismo*, Vigo: Ed. Xerais.
- MÁIZ VÁZQUEZ, B. (2004): *Resistencia, guerrilla e represión. Causas e Consellos de Guerra Ferrol, 1936-1955*, Vigo: A Nosa Terra.
- MARQUES FERNANDES, J. (2003): "Representações na imprensa portuguesa da Guerra Civil de Espanha na Galiza" em AGRA ROMERO, Mª. X. e RODRÍGUEZ RICO, N. (Eds.) (2003): *Actas do IV Simposio Luso-Galaico de Filosofía*, Santiago: Universidade de Santiago de Compostela, pp. 83-120.
- MARTÍN VALVERDE, A. (1977): "Colocación y regulación del mercado de trabajo agrícola" em *Agricultura y Sociedad*, Nº3, Abril-Junio 1977, Madrid: MAPA, pp. 109-145.
- MEDEIROS, A. (2003): "Discurso Nacionalista e Imagens de Portugal na Galiza", em *Etnográfica: revista do Centro de Estudos de Antropologia Social*, VII (2), Lisboa, pp. 321-349.
- MÉIXOME, C. (2008a): "Telmo Freitas Lima" em *A Peneira,* nº 7, Setembro 2008.
- MÉIXOME, C. (2008b): "A represión sobre os portugueses no Val Miñor", em *A Peneira*, nº 10, Dezembro 2008.
- MÉIXOME, C. (2011): "Atopados. As fosas de San Xián-O Rosal. Un modelo de exhumación", em *Murguía, Revista Galega de Historia*, nº 23/24, pp. 97-123.
- MONTEIRO CARDOSO, A. M. (2005): "A revolução liberal em Trás-os-Montes (1820-1834): o povo e as élites", Tese de Doutoramento em História Moderna e Contemporânea, Lisboa, ISCTE.
- MONTEZ, R. (2012): "Entrevista: Quem tinha medo vivía mal", em *Visão História*, nº 18, Dezembro 2012, pp. 78-79.
- MORENO GONZÁLEZ, X. (1990): "A Primeira Internacional en Galicia (1868-1874)" em AAVV (1990): *O Movemento obreiro en Galicia. Catro ensaios*, Vigo: Edicións Xerais, pp. 21-110.
- MUÑOZ ABELEDO, L. (2003): "Los mercados de trabajo en las industrias marítimas de Galicia. Una perspectiva histórica (1870-

1936)", Tese de Doutoramento inédita, Santiago: Universidade de Santiago de Compostela.

- OLIVEIRA, C. (1985): *Portugal e a II República de Espanha (1931-1936).* Lisboa: Perspectivas & Realidades.
- OLIVEIRA, C. (1986): "Portugal e a Guerra Civil de Espanha", em TAMAMES, Ramón (dir.) *A Guerra Civil de Espanha 50 anos depois*, trad. port.. Lisboa: Edições Salamandra, pp. 71-88.
- OLIVEIRA, C. (1988): *Salazar e a Guerra Civil de Espanha*, Lisboa: O Jornal.
- OLIVEIRA, M. J. (2012): "Combatente da Liberdade", em *Visão História*, nº 18, Dezembro 2012, p. 73.
- OLIVEIRA, M. J. (2013): "O envolvimento dos emigrantes portugueses na Guerra Civil de Espanha. Galiza e Astúrias. Estado da Arte", Curso de Doutoramento em História Contemporânea, Orientador Dr. Fernando Rosas, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade de Lisboa, p. 8.
- OLIVEIRA MARQUES, A. H. (1973): *A Unidade da oposição à Ditadura (1923-1931)*, Lisboa: Publicações Europa-América.
- PATRIARCA, F. (1995): *A questão social no salazarismo, 1930-1947*, Volume II, Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.
- PAZ ANTÓN, X. R. (2007): *O Porriño 1936,* Vigo: A Nosa Terra.
- PAZ ANTÓN, X.R. (2008): "A represión franquista no Concello de Porriño", em AA.VV. (2008): *O Miño unha corrente de memoria*, Actas das xornadas sobre a represión franquista no Baixo Miño (2006-2007), Ponteareas: Edicións Alén Miño, pp. 37-81.
- PAULO, H. (2006/7): "O exílio português no Brasil: Os "Budas" e a oposição antisalazarista", em *Portuguese Studies Review*, nº 14, Trent University, Canadá, pp. 125-142.
- PENA RODRÍGUEZ, A. (1998): *El gran aliado de Franco: Portugal y la guerra civil española. Prensa, radio, cine y propaganda*, Sada: Ed. do Castro.

- PEREIRA, C. (Ed.) (1998): *O que fixeron en Galicia. 1936*, Vigo: A Nosa Terra.
- PEREIRA, D. (1994): *A CNT en Galicia, 1922-1936*, Santiago de Compostela: Laiovento.
- PEREIRA, D. (1998): *Sindicalistas e Rebeldes. Anacos do movemento obreiro na Galiza*, Vigo: A Nosa Terra.
- PEREIRA, D. (2002): "Proletariado e loita de clases na Galiza de anteguerra" em CONSTENLA BERGUEIRO, G. e DOMÍNGUEZ CASTRO, L. (Eds.): *Tempo de Sermos. Galicia nos séculos contemporáneos*, Vigo: Servicio de Publicacións da Universidade de Vigo, pp. 123-146.
- PEREIRA, D. (2008a): "A represión franquista contra os cidadáns portugueses radicados na Galiza (1936-1939)" em AAVV.: *O Miño unha corrente de memoria*, Actas das xornadas sobre a repressão franquista no Baixo Miño (2006-2007), Ponteareas: Edicións Alén Miño, pp. 111-137.
- PEREIRA, D. (2008b): "Alzamento fascista e represión no camiño de ferro Zamora-Ourense: bisbarras de Monterrei, As Frieiras, A Portela e Seabra" em *A Trabe de Ouro*, nº 73, Janeiro-Março, pp. 13-37.
- PEREIRA, D. (2012): *José Pasín Romero*: *memoria do proletariado militante de Compostela*, Santiago: Fundación 10 de Marzo de CCOO.
- PEREIRA, D. e FERNÁNDEZ, E. (2006a): *O movemento libertario en Galiza (1936-1976)*, Vigo: A Nosa Terra.
- PEREIRA, D. e FERNÁNDEZ, E. (2006b): "Unha achega á represión franquista contra as mulleres libertarias na Galiza" em *Unión Libre,* 11, Sada: Ed. do Castro, pp. 75-87.
- PEREIRA MARTÍNEZ, C. (Ed.) (1998):*"O que fixeron en Galicia. 1936"*, Vigo: A Nosa Terra.
- PRADA, J. (2004): *Ourense, 1936-1939. Alzamento, Guerra e Represión*, Sada: Ed. do Castro.

- PRADA, J. (2012): “Os primeiros fuxidos ourensáns” em AAVV (2012) *A Guerrilla Antifranquista Galega (Actas do Congreso)*, A Coruña: CRMH da Coruña, pp. 179-198.
- PROXECTO “NOMES E VOCES” (2010): *Informe de Resultados. Vítimas Galicia (1936-1939),* Santiago de Compostela: Meubook.
- PULIDO GARCIA CARDOSO DE MENEZES, L. M. (2010): “A revolta Mendes Norton de 1935”, em *Revista Cadernos Vianenses*, Tomo 44, Viana do Castelo, pp. 257-293.
- PULIDO VALENTE, V. (Ed.) (2002): *Incursões Monárquicas 1910/1920. Memórias da Condessa de Mangualde*, Lisboa: Quetzal Editores.
- REDONDO ABAL, F. X. (2007): *Memorias de Marcelino Fernández Prada. Un alcalde socialista e revolucionario*, Vigo: A Nosa Terra.
- REIGOSA, C. (1993): “Maquis na raia galego-portuguesa” em *A Trabe de Ouro*, nº 16, Santiago: Ed. Sotelo Blanco, pp. 611-623.
- RODRIGO, J. (2008): *Hasta la raíz. Violencia durante la guerra civil y la dictadura franquista.* Madrid: Alianza Editorial.
- RODRÍGUEZ CRUZ, X. (2005): “Testemuñas dun dos derradeiros fuxidos”, em “*Represión e Resistencia Antifranquista*”, Caderno Arraiano nº3, Ourense: Asociación Arraianos, pp. 20-25.
- RODRIGUES FERREIRA, F.E. (1996): “Os barranquenhos e a memória da Guerra Civil. Os fugitivos eram entregues aos soldados de Franco, que os matavam...”, em *História*, nº 20 (Maio 1996), Nova Série, Lisboa, pp. 40-51.
- RODRÍGUEZ GALLARDO, A. (2005): “Entre brandas e inverneiras: refuxiados políticos no norte de Portugal” em *A Trabe de Ouro*, 57, pp. 23-37.
- RODRÍGUEZ GALLARDO, A. (2006): *O Ruído da Morte. A represión franquista en Ponteareas (1936-39)*, Sada: Ed. do Castro.
- RODRÍGUEZ GALLARDO, A. (2010): “La condición de refugiados: gallegos en Portugal durante la guerra civil y la posguerra” em

AAVV (2010): *Nuevos horizontes del pasado. Culturas políticas, identidades, y formas de representación.* Xº Congreso de la Asociación de Historia Contemporánea. Santander: Universidad de Cantabria.

- ROSAS, F. (1988): *O Salazarismo e a Aliança Luso-Britânica. Estudos sobre a política externa do Estado Novo nos anos 30 e 40*, Lisboa: Fragmentos.
- ROSAS, F. (coord.) (1998): *Portugal e a Guerra Civil de Espanha: colóquio internacional*, Lisboa: Edições Colibri.
- ROSAS, F. (2012): *Salazar e o poder. A arte de saber durar,* Lisboa: Tinta-da-China.
- SANTOS CASTROVIEJO, I. e NORES SOLIÑO, A. (2005): *Historia de Cangas 1900-1936*, Vigo: A Nosa Terra.
- SARMENTO PIMENTEL, J. (1974): *Memórias do capitão*, Porto: Editorial Inova.
- SCHUBERTH, D. e SANTAMARINA, A. (1988): *"Cancioneiro Popular Galego. Romances Tradicionais"*, Volume IV "Romances Novos, Cantos Narrativos, Sucesos e Coplas Locais", A Coruña: Fundación Pedro Barrié de la Maza. Conde de Fenosa.
- SIERRA, F. y ALFORJA, I. (2005): *Fuerte de San Cristobal 1938. La gran fuga de las cárceles franquistas*, Pamplona: Pamiela Ediciones.
- SIGÜENZA, X. M. (2006): "Guerra Civil de 1936 en parroquias de Tui e Salceda. El camión de la maraña (I) e (II)", em *Faro de Vigo*, Edición Baixo Miño/Louriña, 9/6/2006 e 10/11/2006.
- SILVA, C. (1995): "Os acontecimentos da guerrilha no Cambedo da Raia" em *Revista O Irmandiño*, Verim, nº1, Dezembro 1995.
- SOUTO BLANCO, Mª. X. (1998): *La represión franquista en la provincia de Lugo (1936-1949)*, Sada: Ed. do Castro.
- SOUTELO VÁZQUEZ, R. (2013): "Usos didácticos da memoria social da represión franquista: a Lola de Protasio, resistente, exiliada e retornada en Amoeiro" em DOMÍNGUEZ ALBERTE, X. C. (Ed.), *Actas do IVº Congreso Manuel Luis Acuña, A Pobra de Trives, 19-21 de Novembro de 2009*, Deputación Provincial de Ourense, 2013.

- TELES GRILO, M. (2006): "A Raia vazia. Análise de um espaço de orla fronteiriça num tempo longo (1936-2006) a partir do estudo de uma comunidade de orla", Tese de Licenciatura em Antropologia, Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova.
- VELASCO SOUTO, C. F. (2009): "Xullo 1936-Agosto 1937: A pegada da represión na Coruña" em FERNÁNDEZ, E. (Ed.) (2009): *A fuxida do Portiño. Historia, memoria e vítimas*, Vigo: A Nosa Terra, pp. 73-98.
- VELASCO SOUTO, C. F. (2012): "A memória colectiva como elemento sustentador da identidade. Repressom franquista e restauraçom da Memória Democrática na Galiza" em GODINHO, P (coord.) (2012): *Usos da Memória e práticas do Património*, Lisboa: Edições Colibri/IELT Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, pp. 77-78.
- VILAR PEDREIRA, X. L. e MÉIXOME QUINTEIRO, C. (2005): "A volta dos Nove", em *Murguía Revista Galega de Historia*, nº7/8, Maio-Dezembro 2005, pp. 155-168.

B) Arquivos:

B.1 Arquivo Intermédio Región Militar Noroeste, Ferrol:
Causas 122/36 Ourense, 305/36 Ourense, 1021/36 Ourense, 1094/36 Ourense, 238/43 Ourense, 178/44 Ourense, 226/36 Coruña, 295/36 Coruña, 376/36 Coruña, 445/36 Coruña, 705/36 Coruña, 1195/36 Coruña, 992/37 Coruña, 1002/37 Coruña, 1212/37 Coruña, 498/38 Coruña, 473/40 Coruña, 474/40, 138/36 Vigo, 718/36 Vigo, 805/36 Vigo, 918/36 Vigo, 1113/36 Vigo, 771/37 Vigo, 868/37 Vigo,

B.2 Arquivo Histórico Provincial de Pontevedra :

- Expediente de Responsabilidades Políticas contra Antonio Fernández Barbosa (Ponte Areas) e 35 mais, Fondo Audiencia Provincial, Caixa 20329.
- Expediente de Responsabilidades Políticas 104/47, Fondo Juzgado de Instrucción de Tui, Caixa 1676.

B.3 Arquivo Histórico Provincial de Ourense:

- Tribunal de Responsabilidades Políticas, Partido Judicial de Verim, concelho de Oimbra, Caixas 7181 e 7210.

B.4: Arquivo Histórico-Diplomático, Ministério dos Negócios Estrangeiros, Lisboa:

"Indesejáveis".- 3ºP a.11, Maço 398, Processo 21,5/37, nº85; 3ºP a.11, Maço 398, Processo 21,5/37, nº19; 3º P, a1, Maço 667, Processo 21,3/38.

3ºP, A8 M2, Processo 28/1, nº36; 3ºP, A8 M2, Processo 28/1, nº 86; 3ºP, A8 M2, Processo 22/36, Nª 3221, nº 29; 3ºP, A8 M2, Processo 22/36, Nª 3223, nº30; 3ºP, A8 M2, Processo 22/36, Nº 3224, nº31; 3ºP, A8 M2, Processo 22/36, nº1557; 3ºP, A8 M2, Processo 22/36, nº 24; 3ºP, A8 M3, Processo 15/36, nº26; 3ºP, A8 M3, Processo 15/36, nº 98; 3ºP, A8 M3, Processo 15/36, nº 101; 3ºP, A8 M3, Processo 15/36, nº 93; 3ºP, A8 M3, Processo 23/37, nº 68; 3ºP, A8 M3, Processo 52/36, nº 253; 3ºP, A8 M3, Processo 52/36, nº 302; 3ºP, A8 M3, Processo 52/36, nº 216; 3ºP, A8 M3, Processo 52/36, nº 231; 3ºP A8 M3, Processo 52/36, nº 232; 3ºP, A8 M3, Processo 52/36, nº 251; 3ºP, A8 M5, Processo 14; 3ºP, A8 M5, Processo 52/36, nº8; 3ºP, A8 M6, Processo 43/38, nº 317; 3ºP, A8 M8, Processo 21,13, nº51; 3ºP, A8 M8, Processo 23/36-1936; 3ºP, A8 M9, Processo 22/36, Nª 3446, nº 114.

Telegramas enviados ao MNE pelo Consulado de Vigo, Anos 1935-1938.
Telegramas enviados ao MNE pelo Consulado de Tui, Anos 1936 e 1938.
Telegramas enviados ao MNE pelo Consulado de Ourense, Anos 1936-1939.

B.5: Arquivo Distrital de Bragança:
Fundo do Governo Civil de Bragança, Caixa 0008, Maço 027, 1ª capa. Correspondência confidencial.

C. Imprensa:

A Aurora, Porto, 1915.
ABC, Sevilha, 1938.
Avante!, clandestino, 1936-1947, 1961.
Boletín Oficial de la Provincia de Pontevedra, 1936-1937.
Cardeal Saraiva, Ponte de Lima, 2012.
Diario de Pontevedra, Pontevedra, 1900-1901.
El Alcance, Santiago, 1897.
El Compostelano, Santiago, 1920-1935.
El Correo de Galicia, Santiago, 1900-1919.
El Ideal Gallego, Corunha, 1917-1925.
El Lucense, Lugo, 1895-1901.
El Obrero, Ferrol, 1931-1936.
El País, Pontevedra, 1934-1935.
El Pueblo Gallego, Vigo, 1924-1945.
El Regional, Lugo, 1901, 1931.
Gaceta de Galicia, Santiago, 1895-1901.
Galicia, Vigo, 1922-1925.
Jornal de Fundão, Fundão, 2010.
La Correspondencia Gallega, Pontevedra, 1901-1908.
La Idea Moderna, Lugo, 1898-1901.
La Integridad, Tui, 1900-1925.
La Lucha, Ourense, 1932-1933.
La Voz de Galicia, Corunha, 1932.
Las Riberas del Eo, Ribadeu, 1933-1935.

O Militante, Lisboa, 2011.
Público, Lisboa, 2011.
Rebelião, Região Espanhola, 1932.
Reviralho, Lisboa, 1927.
Solidaridad Obrera, Barcelona, 1936.
Solidaridad, Corunha, 1935-1936.
Tribuna, Tui, 1933-1936.
Vallibria, Mondonhedo, 1935-1936.

D. Entrevistas:

Carlos Méixome (Val Minhor, Pontevedra)
Xosé Ramón Paz Antón (Porrinho, Pontevedra)
Ángel Rodríguez Gallardo (Ponte Areas, Pontevedra)
Margarita Teijeiro (Vilagarcia de Arouça, Pontevedra)
Lucila Núñez (Campobezerros-Castrelo do Val, Ourense)
Secundino Alonso (Portocamba-Castrelo do Val, Ourense)
Eduardo Liste (Calo, Teo)
David Cortón (Ourense)
José Dias Baptista (Montalegre)
Bernardo Máiz (Seixo-Mugardos)
Paula Godinho (Lisboa)
Ugio Gil (Sernande-Vinhais)

E. Webgrafia:

- Base de dados do Proxecto Interuniversitario "Nomes e Voces", USC.: www.nomesevoces.net

- Base de dados do Proyecto "Todos los Nombres Asturias": http://www.todoslosnombres.es/modules.php?name=encyclopedia&op=list_content&eid=1
- Base de dados do Proyecto "Todos los Nombres Andalucía": http://www.todoslosnombres.org
- ÁLVAREZ, X. (2012): "Pontevedra nos anos do medo", http://anosdomedo.blogspot.com.es/2012/07/pontevedra-outubro-de-1934-1.html
- FERNÁNDEZ RODRÍGUEZ, X. C. (2013): "Calçetem o país", em Terra e Tempo Dixital galego de pensamento nacionalista, http://www.terraetempo.com/artigo.php?artigo=3022&seccion=13#, publicado o 17/4/2013.
- FREIRE, J. (2012): Dicionário Histórico de Militantes Sociais, Grupos Libertários e Sindicatos Operários. – Documento digital disponível em http://mosca-servidor.xdi.uevora.pt/projecto"
- GUERRA, V. (2007): "Masonería en Asturias", http://www.asturmason.net/2007/12/los-anarquistas-de-la-fai-y-la-masonera.html
- LOPES MELO, F. (?): "1931: O ano de todas as revoltas" em http://www.sgmf.pt/_zdata/PDF/ARQ/ESTUDOS/ARQ_EST_1931.pdf p. 7.
- MÉIXOME, C. (2006): "A traxedia chegou a Tebra", em www.ValMiñor.info, O Portal do Val Miñor, 6/7/2006.
- NÚÑEZ CALVO, J. (2009): "Portugal en la Conspiración del 18 de Julio de 1936 y el apoyo luso a través del Archivo del General Varela", em www.historiaymilicia.com .
- PASSOS, S. (2007): "Ecos da Guerra Civil Espanhola", http://santospassos.bolgspot.com.es/2007_01_01_archive.html.
- PAZ, M. (2011): "La Represión franquista en Teo", comunicação presentada ao "Iº Congreso de Víctimas del Franquismo", Federación Estatal de Foros por la Memoria, Rivas Vaciamadrid, 20-22 Abril de 2011, em http://www.congresovictimasfranquismo.org/wp-content/uploads/2011/12/21.-Miguel-Paz-La-represi%C3%B3n-franquista-en-Teo.pdf
- PIECHO, F. (2007): "Resistência na Raia: as redes sociais num momento de crise numa comunidade da orla fronteiriça", Tese de licenciatura em Antropologia sob a direção da Dra. Paula Godinho, Universidade Nova de Lisboa.

http://es.calameo.com/read/0009595908a9a8abfe048.
- PIECHO, F., PEREIRA, M., TELES GRILO, M., ARAÚJO, E e PIRES, F. (2006): "Memórias da Fronteira.: A Fronteira como elemento central na construção e representação das identidades em duas aldeias raianas do nordeste transmontano português-Sernande e Pinheiro Velho", em *Mneme -Revista Visrtual de Humanidades*, vol. 7, 19, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Departamento de História, dec. 2005/jan. 2006, pp.57-90. http://www.periodicos.ufrn.br/ojs/index.php/mneme/index
- SEIJAS LLERENA, D. (2005): "Un caso de demografía industrial de principios del siglo XX: las comarcas de Caldas y O Ullán pontevedrés entre los años 1899 y 1921" em Congreso de Historia Económica, Sesión "Demografía Empresarial", Santiago 2005; publicado em http://www.usc.es/estaticos/congresos/histec05/b11_seijas_llerena.pdf
- SUÁREZ PICALLO, R. (1944): "El doctor Bernardino Machado Presidente de Portugal", *La Hora*, Santiago de Chile, 30/4/1944, recollido em http://www.blogoteca.com/acsuarezpicallo/index.php?cat=10557&pag=1
- VÁZQUEZ SOUZA, E. (2006): "De cânones e canões: Lugrís, Cebreiro e Bernardino Machado com Fernando Osório ao fundo", em http://www.agal-gz.org/modules.php?name=News&file=article&sid=2914.

"Portal de Archivos Españoles" PARES, relativo às "Víctimas de la Guerra Civil y represaliados del Franquismo", http://pares.mcu.es/victimasGCFPortal/
http://www.lugo.es/cs/represion/listado.jsp
https://www.depourense.es/represion/
www.asturiasrepublicana.com
http://www.prof2000.pt/users/secjeste/recortes/musica/anteroaveiga02.htm.
http://pimentanegra.blogspot.com/2006/12/batalha-do-cambedo1946-e-solidariedade.html
http://diariodeunmedicodeguardia.blogspot.com.es/2012/02/paisajes-e-historias-de-la-guerrilla.html

http://www.galiciasuroeste.info/varios/xesuitas3.htm.

http://www.sindhotelariasul.pt/index.php?option=com_content&task=-view&id=46&Itemid=70

http://www.fpabloiglesias.es/archivo-y-biblioteca/diccionario-biografico/documentos